

A MATEMÁTICA MODERNA E EU

Durante a fase final dos meus estudos liceais estava bastante indeciso acerca do caminho a seguir, quando enveredasse por um curso universitário. A Biologia era uma paixão já antiga e a Matemática um gosto adquirido ao longo do seu estudo – numa época em que mesmo ao nível dos primeiros anos do liceu era possível apercebermo-nos do rigor dos conceitos, da beleza formal das demonstrações, da generalidade das propriedades.

Terminado o quinto ano, tive conhecimento de que no meu liceu – o Liceu Nacional de D. João de Castro, primoroso estabelecimento de ensino, privilegiadamente localizado, de cujas janelas os meus colegas e eu vimos crescer a ponte sobre o rio Tejo que tanto orgulhou a indústria nacional, ao tempo – estava a funcionar uma turma experimental de “Matemática Moderna”, basicamente destinada a quem tivesse mais interesse e quiçá maior vocação por essa matéria. Uma breve conversa com o Reitor do liceu, o Dr. Mário C. Mora – que era igualmente o professor de Matemática dessa turma-piloto – foi suficiente para me convencer do interesse do projecto e assim nele me inscrevi.

Aulas de Matemática todos os dias, logo ao primeiro tempo da manhã, uma turma constituída por colegas que me acompanhavam já dos anos anteriores, juntamente com outros oriundos de escolas onde o projecto não estava a ser realizado, um verdadeiro mundo novo. A transição do quinto para o sexto ano representava na verdade o iniciar de uma nova etapa na vida de cada um, escolhida a alínea que começava já a orientar os alunos para o que poderia vir a ser a sua vida profissional futura.

Foi assim que tomei contacto com os manuais (e guias para o seu acompanhamento) preparados pelo Prof. José Sebastião e Silva, mentor do projecto da Matemática Moderna. O seu nome, porém, longe de constituir novidade ou de me aparecer como o de um ilustre desconhecido, era-me já familiar! Na verdade, a minha Mãe, que frequentara (sem, infelizmente, o concluir) o curso de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, por volta de 1950, tinha sido sua aluna e conservava em grande estima a lembrança da sua figura de cientista e professor – tal como de outros, entre eles José Vicente Gonçalves e Humberto Menezes, por exemplo.

A Matemática, tal como era apresentada pelo Prof. Sebastião e Silva no seu manual destinado às turmas-piloto, não podia deixar de me fascinar. A clareza da exposição e a diversidade dos temas, que abarcavam a Teoria dos Conjuntos, o estudo elementar das Estruturas Algébricas ou das Probabilidades, para além de matérias mais tradicionais, no âmbito do nosso ensino, como o Cálculo Diferencial (mas incluindo também uns apontamentos de Primitivas e de Cálculo Integral), a Trigonometria e a Aritmética Racional, conferia a tudo aquilo um interesse cativante e conferia-nos uma preparação ímpar, não só para o estudo de outras matérias como a Física, por exemplo, mas também para enfrentar as dificuldades do ensino superior.

Para o meu gosto pelo acompanhamento da Matemática contribuiu também – e muito – o entusiasmo do meu professor. O Dr. Mora, pessoa de idade já avançada, que terminaria a carreira logo um ano após ter sido meu professor, tinha na realidade um gosto contagiante pelos novos métodos de ensino e pelas novas matérias que estavam a ser experimentadas connosco.

Completado com êxito o sétimo ano, a indecisão a que acima me referia, entre a Biologia e a Matemática, acabou por pender para esta segunda e assim sendo matriculei-me na Faculdade de Ciências, em 1969. Não tenho dúvida de que a frequência da turma-piloto do D. João de Castro contribuiu decisivamente para essa escolha, malgrado o facto de a minha professora de Ciências Naturais, a Dr^a Edite Ferreira da Silva, ser também uma excelente mestra, capaz de motivar os seus alunos.

O Prof. Sebastião e Silva ainda leccionava nessa altura, mas não tinha a seu cargo qualquer disciplina dos primeiros anos e, infelizmente, ainda o meu curso não estava concluído quando terminou a sua actividade docente, vindo a falecer em 1972. Nem cheguei a conhecê-lo pessoalmente, o que sempre lamentei.

Logo no início do meu curso de Matemática foi patente a excelência da preparação que as turmas de Matemática Moderna conferiam a quem as tinha frequentado. Éramos poucos, em comparação com o número total de colegas provenientes das turmas clássicas e a facilidade com que enfrentávamos as novas matérias levava até muitos desses colegas a procurar-nos de vez em quando para procurar esclarecer um ou outro conceito. Quer na área da Análise Matemática, quer na da Álgebra Linear e depois da Álgebra, as noções introduzidas não eram já desconhecidas, apenas aprofundavam ideias que já tínhamos encontrado.

Durante o meu curso e depois dele, na minha actividade profissional ao longo dos anos, o rigor, a clareza, o interesse e o entusiasmo que me foram transmitidos pelo Dr. Mora e pela figura tutelar do Prof. Sebastião e Silva – ao qual aquele se referia de quando em vez, após as reuniões periódicas que mantinham com ele os professores dessas turmas experimentais, para perfeito acompanhamento dos trabalhos – não deixaram, por certo de nortear o meu trabalho. Pelo menos espero que assim tenha sido!

É claro que o programa das turmas-piloto era ambicioso e vários dos assuntos tratados acabaram por não se manter nos programas quando foi oportuno reformá-los. A escolaridade das mesmas era superior ao normal e os alunos estavam especialmente motivados para testar as várias possibilidades experimentadas. Foi no entanto um período de viragem no ensino português e todos os que por lá passaram terão certamente algum orgulho em, de alguma maneira, terem podido colaborar em tão brilhante projecto.

António Monteiro